

HACKTOWN

A ansiedade oculta da finitude

Do luto ao algoritmo: Uma leitura junguiana na era da inteligência artificial

Bianca Pancini & Crystal Vieira

Centro Junguando • Hack Town



“O luto é uma experiência que é tão antiga quanto a própria humanidade.”

— VERENA KAST

O que é um arquétipo?



Padrões instintivos e universais da psique humana.
Representados por imagens simbólicas e presentes em
toda a cultura e época.

*“O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva,
tão marcada como o impulso das aves para fazer seu
ninho ou das formigas para se organizarem em colônias
(...) estes instintos podem também manifestar-se como
fantasias e revelar a sua presença através de imagens
simbólicas.”*

JUNG, 2016, p. 65

Experiências arquetípicas

- Luto
- Nascimento
- Maternidade
- Paternidade
- Morte

O luto é mais antigo que a nossa espécie

LUTO NEANDERTAL

La Chapelle-aux-Saints, França, 1908

Restos de um neandertal encontrados enterrados em uma cova, a primeira hipótese de sepultamento intencional e produção de simbolismo em um grupo anterior à nossa espécie.

Outros corpos “sepultados” foram encontrados com pedras ao redor, chifres de animais e vestígios de pólen.

***Evidence supporting an intentional
Neandertal burial at
La Chapelle-aux-Saints***

doi.org/10.1073/pnas.1316780110

O luto muda de roupa, não de raiz

1

Ocidente

O preto como cor tradicional de luto em velórios.

2

Índia e países orientais

O branco é mais comum como símbolo de luto.

3

Cultura judaica

O shivá: período formal de sete dias de luto cumprido pelos familiares mais próximos após o sepultamento.

O luto não é doença, nem fraqueza

É um processo de encerramento de ciclos e adaptação psíquica diante de uma perda significativa, e nem sempre se trata da morte de alguém.

● Fim de um relacionamento

● Perda de um trabalho desejado

● Fim de uma amizade em vida

● Morte de um animal de estimação

Não é uma hierarquia de dor, cada perda é diferente, mas todas causam efeito psíquico.

“Há despedidas suficientes na vida, e elas podem ter reações semelhantes às que sentimos quando perdemos um ente querido.”

— VERENA KAST

Os 5 estágios do luto

“Nosso luto é individual, assim como nossas vidas.”

— ELISABETH KÜBLER-ROSS, On Grief and Grieving (p. 19)

1

Negação

2

Raiva

3

Barganha

4

Depressão

5

Aceitação

Negação

“Como assim aquela pessoa morreu?”

Choque e defesa psicológica ao mesmo tempo. Protege o ego de assimilar a perda de uma vez, dando tempo para se reestruturar.

- Sensação de que as peças não se encaixam
- A mente compreende por um segundo, mas o hábito da presença volta logo em seguida
- É uma oscilação entre saber racionalmente e não conseguir sentir



Raiva

*“Por que isso está acontecendo
comigo?”*

Surge quando a negação não se sustenta mais e a realidade da falta se torna maior.

- Funciona como uma âncora temporária diante do vazio da tristeza
- Por trás da raiva: dor profunda e sentimento de abandono
- É, de certa forma, uma forma de conexão com quem se foi
- Geralmente é direcionada aos médicos, à própria pessoa que se foi, a Deus e até de si mesmo

Barganha

Tentativa de evitar a morte ou diminuir a dor através de negociação: promessas, culpa, o desejo de voltar no tempo.

- A mente tenta reescrever a história em busca de um final diferente
- A culpa costuma acompanhar a barganha
- Termina quando se conclui que não existe negociação possível

“Se eu não tivesse atrasado...”



Depressão

Sem negociação possível, a atenção volta ao presente: o vazio é sentido em um nível profundo.

- Isolamento, choro, desânimo, falta de sentido
- Não é sinal de doença nem algo patológico
- “A perda de um ente querido é uma situação muito deprimente” (Kübler-Ross, p. 27)

“Uma resposta apropriada a uma grande perda”



Aceitação

Aceitar que a vida continua sem o ente querido e reconstruir a própria história integrando a perda.

- Quem ficou percebe: quem morreu foi o outro, não ela — mas sua jornada continua
- Permite lidar com a falta sem paralisar
- A pessoa que faleceu é integrada à memória e ao ser

Não é estar “bem”, é reconstruir.



Os estágios não são uma receita de bolo

Os 5 estágios ajudam a entender o que sentimos diante de uma grande perda e podem dar um norte a quem se sente sem saída da dor. Mas cada luto é individual e único, assim como nossas vidas.

- Nem todos passam pelos 5 estágios
- A ordem pode variar de pessoa a pessoa
- Não funcionam necessariamente de forma linear

“O luto é um processo, a morte é o momento, e a despedida faz parte do processo da vida.”

— REGINA CAVOUR

E quando a tecnologia entra no luto?

Os avanços tecnológicos interferem e modificam, positiva e negativamente, a nossa noção de finitude. E quando falamos de avanços tecnológicos hoje, é impossível não falar da Inteligência Artificial.

Maria Rita canta com Elis Regina • App 2WAI

Necromancia Digital

O termo faz uma analogia com a Necromancia antiga, tentar se comunicar com os mortos. Na versão digital, não há contato real: é o uso da tecnologia para criar uma representação da pessoa a partir dos dados que ela deixou.

Mensagens

Áudios

Vídeos

Fotografias

Publicações

Um conceito mais amplo e crítico sobre o fenômeno atual de recriar ou “reanimar” digitalmente os mortos.

PSIQUE E MÁQUINA

Jung, em 1920, já falava de psique e máquina. A tecnologia muda, a psique humana não. O medo da morte continua o mesmo.

Continuing Bonds: o vínculo que continua

Elaborar a morte de alguém não significa romper o vínculo emocional. O vínculo continua, mas de forma transformada. Sem uso de IA.

- Guardar fotografias e objetos significativos
- Conversar mentalmente com a pessoa
- Manter tradições familiares
- Contar histórias sobre ela

São lembranças que não respondem, diferente da negação, manter o vínculo não é negar a morte.



Do chatbot ao avatar

1

Chatbot

Sistema para conversar por texto ou voz. É a categoria tecnológica mais ampla.

2

Griefbot

Bot relacionado ao luto — construído para representar ou interagir em torno de alguém que morreu.

3

Deadbot

Representa uma pessoa que morreu, a partir de mensagens, e-mails, gravações e vídeos. É o agente digital.

4

Avatar

Representação visual/digital da pessoa — pode ganhar voz, movimentos e capacidade de interação.

Pessoa
morre

Dados digitais
permanecem

IA aprende
padrões

Avatar
responde

Sensação de
interação

Ressurreição Digital

IA generativa

Clonagem de voz

Síntese de vídeo

Avatares

Modelos de linguagem

= *Representação interativa do morto*

A isso chamamos imortalidade digital: são os griefbots.

“Ele morreu, mas eu ainda consigo conversar com ele.”

O sistema responde, mas não recupera a subjetividade do falecido. É uma experiência subjetiva semelhante à continuidade da interação, não a interação em si.

Espelho ou fuga?

“Até que ponto um avatar de uma pessoa falecida favorece um vínculo contínuo saudável? E a partir de que ponto passa a dificultar a integração da realidade da morte?”

ESPELHO

Processo de busca mais orgânico. A tecnologia apoia a elaboração. Ajuda a olhar, sentir e integrar a falta.

FUGA

Prolonga a ilusão de imortalidade. Evita o contato com a falta e estagna o luto na negação.

A IA é neutra. A questão é o uso como defesa contra a finitude.

Legado x Avatar

INTEGRA

Legado

Imortalidade simbólica

Você organiza dentro de si o que foi. A pessoa falecida é integrada à memória e à própria identidade.

PROJETA

Avatar

Imortalidade digital

Finge que a pessoa ainda “é”. A relação é deslocada para fora, para uma interação externa e responsiva.

A hybris do Ego

Para Jung, o Ego é apenas o centro do consciente. A psique é muito maior, tem Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo, com seus arquétipos.

Reduzir o “eu” a dados é negar 90% da psique.

A IA não resolve a ansiedade da finitude, ela apenas a desloca. Transforma o medo em dado, o luto em conversa e a morte em manutenção de servidor.

“O sentido e o objetivo da vida não consistem em outro lugar senão na própria vida.”

Uma vida infinita é uma vida sem urgência, sem símbolo — é estagnação. Toda defesa contra a morte é uma defesa contra a vida plena.

*“Quem olha para fora sonha,
quem olha para dentro desperta.”*

A morte é o maior convite para olhar para dentro.

Na segunda metade da vida, a pergunta deixa de ser apenas “o que irei conquistar” e passa a incluir “para onde estou indo”.

“Como podemos amadurecer se não aceitarmos que morreremos?”

Individuação: tornar-se aquilo que se é.

Três espelhos, três perguntas

Cada uma dessas obras já imaginou, à sua maneira, o que estamos discutindo hoje: o que a tecnologia faz com quem fica?

SÉRIE, 2013



BLACK MIRROR: BE RIGHT BACK 2013

running time Unknown
directed by CHARLIE BROOKER
produced by RICHARD WEBB BISHA K. ALI JESSICA RHOADES

starring HAYLEY ATWELL DOMHNALL GLEESON

Black Mirror: Be Right Back

Charlie Brooker

Depois da morte do namorado, Martha usa um serviço de IA para recriar sua presença: primeiro um chatbot a partir das mensagens dele, depois a voz, depois um corpo andróide.

Quanto mais realista a réplica fica, mais ela cura, ou mais ela aprisiona?



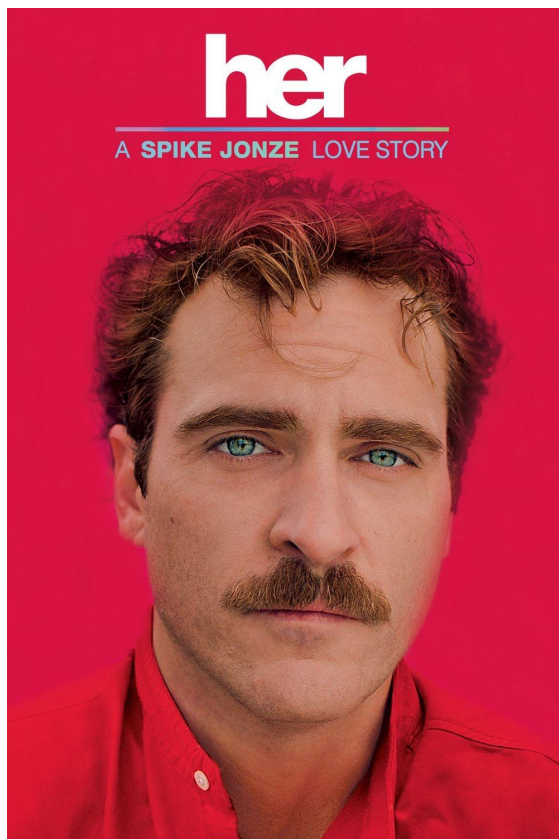
After Yang

Kogonada

Uma família tenta consertar Yang, o robô de estimação que cuidava da filha adotiva. No processo, descobre as memórias que ele guardava, e o luto se desloca para quem, ou o que, merece ser lembrado.

Uma entidade não humana pode ser objeto de luto genuíno?

FILME, 2013



Her

Spike Jonze

Theodore se apaixona por Samantha, um sistema operacional com IA. A relação não recria ninguém que morreu, mas ocupa o lugar de vínculos humanos que ele evita.

Ele usou a IA para evitar a conexão, ou para se preparar para ela?

A quem pertence a sua alma digital?

Ética e imagens póstumas.

De quem é a nossa imagem?

Ainda em vida, cabe perguntar: a quem pertence a nossa imagem, a nossa voz, o nosso corpo?

Hoje, uma única foto é suficiente para gerar um vídeo de alguém dizendo palavras que, de fato, nunca foram ditas.

Mas, enquanto a pessoa está viva, ela pode contestar, ou autorizar.

Enquanto há uma pessoa viva para responder, a questão tem uma saída simples: perguntar a ela.

Quando ninguém pode responder

Entre preservar a memória e recriar a presença existe um limite, e esse limite precisa ser pensado pela ética, pela psicologia e pela espiritualidade.

LEITURA RECOMENDADA

Kwan Yiu Cheng, "Principles of consent and non-addiction in AI grief bots", *Journal of Responsible Technology*, 2026

Jurídico

Direitos de imagem post-mortem. Quem herda essa decisão? A família? A plataforma?

Psicológico

O impacto no processo de luto de quem fica, entre o espelho e a fuga.

Espiritual

Crenças sobre a alma, o descanso e o contato com o além.

Social

Como isso normaliza, ou não, a necromancia digital como prática cultural.

HACKTOWN

Obrigada!

Bianca Pancini

E-MAIL

bpancinipsi@yahoo.com

INSTAGRAM

[@bianca_pancini](https://www.instagram.com/bianca_pancini)

TELEFONE

(21) 99373-8653

Crystal Vieira

E-MAIL

crystalvieiran@gmail.com

INSTAGRAM

[@__crystalvieira](https://www.instagram.com/__crystalvieira)

TELEFONE

(21) 98577-7888



**CENTRO
JUNGUIANDO**

Centro Junguindo

☎ Telephone: (21) 99182-9747

✉ E-mail: centro@junguindo.com



📱 Escaneie para salvar o contato